



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA, CONTABILIDADE E**  
**SECRETARIADO EXECUTIVO**  
**CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**MARIA DALICE ALEXANDRE DE SOUZA**

**FEIRAS LIVRES: UMA ANÁLISE SOCIOECONÔMICA DA FEIRA DE**  
**PARANGABA, EM FORTALEZA-CE**

**FORTALEZA- CEARÁ**  
**2021**

**MARIA DALICE ALEXANDRE DE SOUZA**

**FEIRAS LIVRES: UMA ANÁLISE SOCIOECONÔMICA DA FEIRA DE  
PARANGABA, EM FORTALEZA-CE**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas. Área de concentração: Economia urbana

Orientador: Prof. Dr. André Vasconcelos Ferreira.

**FORTALEZA-CEARÁ**

**2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S1f      SOUZA, Maria Dalice Alexandre de.  
Feiras livres : Uma análise socioeconômica da Feira de Parangaba, em Fortaleza-Ce /  
Maria Dalice Alexandre de SOUZA. – 2021.  
52 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará,  
Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Ciências  
Econômicas, Fortaleza, 2021.  
Orientação: Prof. Dr. André Vasconcelos Ferreira.
1. Feiras livres. 2. socioeconômico . 3. comércio urbano. 4. interações sociais. 5.  
pandemia da Covid-19. I. Título.

CDD 330

---

**FEIRAS LIVRES: UMA ANÁLISE SOCIOECONÔMICA DA FEIRA DE  
PARANGABA, EM FORTALEZA-CE**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas. Área de concentração: Economia urbana.

Aprovada em: 16/04/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. André Vasconcelos Ferreira (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Felipe Franklin de Lima Neto (UECE)  
Universidade Estadual do Ceará(UECE)

---

Prof. Dr. Júlio Ramon Teles da Ponte (UFC)  
Universidade Federal do Ceará(UFC)

“Não há saber mais ou saber menos:  
há saberes diferentes.”  
Paulo Freire

## AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus em primeiro lugar pelo dom da vida e por ter-me agraciado com a realização desta graduação.

A minha filha Renata, que me incentivou a fazer o Enem, acompanhou o resultado do SISU e me fez companhia no dia da matrícula.

A minha filha Bruna, que, diante das dificuldades que tive de compreender os textos logo no início da faculdade, pacientemente leu algumas páginas do livro de microeconomia e foi me explicando, o que me possibilitou uma melhor compreensão e interpretação dos textos.

Agradeço ao Tarcísio (pai das minhas filhas) e meu amigo, por assumir financeiramente as despesas da casa e possibilitar que eu me dedicasse integralmente à faculdade.

Não posso deixar de agradecer também aos meus genros, Antônio e Edvan, pelo apoio.

Desta forma, a realização desta graduação, foi uma conquista familiar, com a permissão e a graça de Deus.

Agradecimento a alguns professores da UFC, especialmente à Zulmira Bomfim (Psicóloga), que me acolheu no Locus (Laboratório de Psicologia em Psicologia Ambiental) como bolsista da Bia (Bolsa de Iniciação Acadêmica) e por dois anos seguintes me permitiu participar como bolsista de extensão no Programa Locus (bolsa que me deu o privilégio de conhecer o modo de vida, a cultura e o compromisso que os indígenas têm com as pessoas e com o meio ambiente). A extensão fortalece as trocas mútuas de conhecimento formal e informal entre a UFC e a sociedade.

Sou grata a toda equipe do Locus, que me abraçou com carinho, com respeito e acreditou na minha capacidade de aprendizado como pessoa e discente. Agradeço também aos meus professores do curso de Economia, Alfredo Pessoa, José Lemos, Marcelo Callado, Sandra Maria, Sebastião Carneiro e, principalmente, ao meu orientador André Vasconcelos.

Agradeço também as minhas companheiras de curso Das Dores e Milena, que estiveram ao meu lado durante esta jornada.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relevância da Feira da Parangaba para o desenvolvimento socioeconômico da cidade de Fortaleza/Ce. As feiras livres são manifestações econômicas, sociais e culturais; com o crescimento populacional foram se transformando, ampliando-se e adaptando-se de acordo com a expansão do comércio e as necessidades dos indivíduos. Nesta pesquisa, são priorizados os fatores sociais e econômicos. A feira em estudo se realiza aos domingos na Rua Pedro Muniz com a Rua Vila Lobos e na Rua Pedro Muniz com a Rua Carneiro de Mendonça, no bairro da Parangaba, em Fortaleza/Ce. A pesquisa destaca a feira como lugar de comércio (compras, vendas, trocas, consumos) e de socialização. Também se verificou de que forma a pandemia afetou o comércio das feiras e a vida dos feirantes. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando livros, jornais, monografias, teses, dissertações, artigos e materiais disponibilizados na Internet. Em relação ao conhecimento empírico, na pesquisa de campo, foi utilizada a entrevista como técnica de coleta de dados. Cinco feirantes foram entrevistadas. O método empregado foi o dialético. A partir da pesquisa realizada, entende-se que a feira livre é essencial para que a sociedade possa verificar a dinâmica da comercialização e a magnitude das feiras para o desenvolvimento da cidade e dos agentes sociais que comercializam no mercado urbano.

**Palavras-chave:** Feiras livres. Socioeconômico. Comércio urbano. Interações sociais. Pandemia da Covid 19.

## **ABSTRACT**

**This work aimed to analyze the relevance of the Parangaba fair for the socioeconomic development of the city of Fortaleza-Ce. Open markets are economic, social and cultural manifestations that, with population growth, has been transformed, expanded and adapted over time and in cities, according to the expansion of trade and the needs of individuals. In this research, social and economic factors will be prioritized. The fair under study is held on Sundays at Rua Pedro Muniz with Rua Vila Lobos and Rua Pedro Muniz with Rua Carneiro de Mendonça, in the Parangaba neighborhood in Fortaleza-Ce. The study will highlight the fair as a place of commerce (shopping, sales, exchanges, consumption) and socialization. We also tried to see how the pandemic affected the trade in fairs and the lives of marketers. A bibliographic research was carried out, using some sources such as: books, newspapers, monographs, theses, dissertations, articles, and materials made available on the Internet. The use of empirical knowledge and field research was used, using the dialectical method. In this perspective, the study of open markets is essential so that society can verify the dynamics of commercialization and the magnitude of fairs for the development of the city and the social agents that trade in the urban market.**

**Keywords: Free fairs. Socioeconomic. Urban trade. Social interactions. Covid's Pandemic 19**

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	UM MERGULHO NA HISTÓRIA PARA MELHOR COMPREENDER A ORIGEM E A EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO URBANO: DA EXPANSÃO COMERCIAL EUROPEIA À TEORIA DOS CIRCUITOS DE MILTON SANTOS.....	14
2.1	Breve histórico da expansão do comércio europeu.....	14
2.2	Da expansão comercial europeia à colonização brasileira.....	18
2.3	Economia Urbana: a Teoria dos Circuitos de Milton Santos.....	21
3	DISCUSSÕES SOBRE DESENVOLVIMENTO E CRESCIMENTO ECONÔMICO.....	24
4	A FEIRA COMO ESPAÇO DE TROCA E A EXPERIÊNCIA DOS AGENTES SOCIAIS NA FEIRA DA PARANGABA.....	28
4.1	O objeto de estudo: a Feira da Parangaba.....	28
4.2	Análise e discussões dos dados.....	29
4.2.1	<i>Infraestrutura e características da Feira da Parangaba.....</i>	29
4.2.2	<i>Perfil socioeconômico dos agentes sociais (feirantes) inseridos na Feira da Parangaba.....</i>	31
4.2.3	<i>A compreensão da feira livre a partir das perspectivas das agentes sociais.....</i>	34
4.2.4	<i>A Feira livre no contexto da pandemia e os impactos na vida das feirantes.....</i>	36
5	METODOLOGIA.....	39
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
	APÊNDICES.....	46
	APÊNDICE A - INSTRUMENTAL DA ENTREVISTA.....	49
	APÊNDICE B - FOTOS DA FEIRA DA PARANGABA.....	50

## 1. INTRODUÇÃO

As necessidades humanas são ilimitadas e estão sempre aumentando ou se renovando, seja porque a população cresce numa progressão geométrica (Teoria Malthusiana), seja porque os indivíduos estão em busca de melhoria em relação à qualidade de vida, o que Adam Smith(1996)chamaria de o “*refinamento dos gostos*”.

Por esse motivo, o homem tem necessidade constante da ajuda e da cooperação dos semelhantes. Segundo Smith(1996, p.74), em A Riqueza das Nações,“o homem terá maior probabilidade de adquirir o que quer, se conseguir interessar a seu favor a autoestima dos outros”. O autor acrescenta que é inútil esperar por benevolência alheia e cabe ao homem mostrar que há vantagens em suas intenções. Para exemplificar essa premissa, pode-se utilizar como exemplo o espaço de troca das feiras livres.

A feira livre é um mercado onde estão inseridos muitos compradores e muitos vendedoresque têm como finalidade interagir no mercado buscando decidirem preços e quantidades produzidas (ou ofertadas) que satisfaçam a ambas as partes (VASCONCELOS; GARCIA, 2009).

Outras características deste mercado conhecido como “concorrência pura ou concorrência perfeita”é que não existe barreiras para o ingresso de novos vendedores; qualquer indivíduo pode entrar ou sair do mercado quando achar necessário.Além disso, nenhum vendedor (isoladamente) tem a possibilidade de influenciar os níveis da oferta e do preço de equilíbrio de mercado, devido à insignificância de cada empresa. Nesse mercado, a longo prazo, não existem lucros extraordinários, apenas lucros normais (VASCONCELOS; GARCIA, 2009).

Diante dacomplexidade das relações socioeconômicas presentes na feira e, considerando a afinidade da presente pesquisadora com o tema, esta pesquisabusca compreender e explicar a relevância da economia urbana na vida da população excluída, desempregada e marginalizada do circuito produtivo.

Pretende-se, ainda, descrever ainfraestrutura do espaço público e relatar como os agentes sociais superam as adversidades presentes no espaço onde exercem a comercialização.

Para isso, esse trabalho investiga como as feiras se apresentam nos dias atuais e sua magnitude na vida dos agentes sociais que as concretizam. O objeto

em estudo é a Feira da Parangaba, que, de acordo com a Secretaria Executiva Regional IV (SER IV), conta, atualmente, com um total de 1.582 permissionários cadastrados e é dividida de acordo com os seguimentos de confecção (523), variedades (373), hortaliças, laticínios e açougue (246), alimentação (162), animais e acessórios de *pet* (96), artigos diversos (153) e ambulantes (29).

A escolha deste tema se deu a partir da experiência profissional da pesquisadora neste espaço urbano, por um determinado período. Observa-se que há muitas pesquisas sobre as feiras na área da geografia, mas poucas são relacionadas à área da economia. Diante dessa lacuna e compreendendo a transcendência do tema, fez-se necessário verificar o valor social e econômico que a feira desempenha para a cidade de Fortaleza/Ce e, conseqüentemente, para os agentes sociais.

Com o intuito de compreender o fenômeno da citada feira, sua dinâmica e a atuação de seus agentes sociais, os feirantes, traçou-se o seguinte objetivo geral: analisar a relevância da Feira da Parangaba para o desenvolvimento socioeconômico da cidade de Fortaleza. Os objetivos específicos são:

- Descrever as características e a infraestrutura do espaço da comercialização dos produtos;
- Compreender a atuação dos agentes públicos na dinâmica da Feira da Parangaba;
- Relatar as relações criadas entre os vendedores e os clientes e entre os próprios companheiros de trabalho;
- Identificar o perfil socioeconômico dos agentes sociais (feirantes) inseridos na feira em estudo;
- Analisar a contribuição da renda obtida na feira para a satisfação das necessidades básicas dos feirantes;
- Esclarecer como ocorre a escolha dos tipos de produtos comercializados e se os produtos são os mesmos desde o início das atividades;
- Apresentar de que forma a pandemia da COVID-19 afetou a renda dos que comercializam os produtos na feira.

Como metodologia, este trabalho utilizou a pesquisa bibliográfica através de leituras de trabalhos acadêmicos tais como monografias, dissertações, artigos, anais de eventos científicos e materiais disponibilizados na Internet (livros, revistas,

jornais) sobre o tema também nas outras áreas das ciências econômicas e sociais. Fez-se necessário o uso do conhecimento empírico e da pesquisa de campo na Feira da Parangaba. Ressalta-se que uma parte da pesquisa de campo aconteceu no período antes da pandemia da COVID-19 e foi não só observar as características e a infraestrutura do espaço da comercialização, mas também como funcionam a montagem e a desmontagem das barracas e a organização da feira.

Contudo, as entrevistas foram realizadas no período da pandemia nos dias 3, 10 e 20 de janeiro de 2021, com o devido uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e seguindo as orientações de distanciamento social colocadas pelo Ministério da Saúde, para garantir a segurança dos entrevistados e da pesquisadora.

Foram realizadas entrevistas com cinco agentes sociais que atuam de formas diversificadas (alguns possuem bancas próprias, enquanto outros alugam bancas de outras pessoas; alguns tanto fabricam seus próprios produtos, como também adquirem produtos de fornecedores). Ao longo do tempo, esses feirantes vão diversificando os produtos ofertados aos consumidores. Sabe-se que cinco entrevistadas representam um número pequeno diante da quantidade de tantos feirantes cadastrados (1.582, de acordo com o SER IV), mas o relato dessas interlocutoras pode trazer uma grande contribuição para quem busca melhor conhecer o fenômeno da Feira da Parangaba, como será abordado posteriormente.

Empregou-se o método dialético que, segundo Michel (2000), é considerado, por definição, a arte da discussão; é um método de perguntas e respostas; de argumentação, contra-argumentação, discussão e levantamento de contradições. Os diálogos realizados também permitem ao leitor tomar conhecimento da satisfação ou insatisfação dos agentes sociais que trabalham no espaço.

Serão utilizadas fontes primárias e secundárias; primárias porque as informações foram buscadas diretamente com os entrevistados, e secundárias devido ao uso das informações pesquisadas através da Internet. Em relação à abordagem da pesquisa, foi escolhida a qualitativa, que permite, através de suas informações, promover a confiabilidade ao trabalho desenvolvido.

Nesta pesquisa, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, foi utilizada a pesquisa participante, pois além de ter tido envolvimento, houve identificação da pesquisadora com os agentes sociais em estudo.

Assim, os dados colhidos das leituras realizadas, das observações, das entrevistas e da pesquisa de campo visam contribuir no processo de análise e de compreender alguns aspectos sociais e econômicos da feira em estudo.

## 2. UM MERGULHO NA HISTÓRIA PARA MELHOR COMPREENDER A ORIGEM E A EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO URBANO: DA EXPANSÃO COMERCIAL EUROPEIA À TEORIA DOS CIRCUITOS DE MILTON SANTOS

### 2.1 Breve histórico da expansão do comércio europeu

Em relação ao desenvolvimento das feiras no Brasil, Menezes (2005, p.9) pontua que as primeiras notícias da existência de feiras remontam ao ano de 1548, quando o rei de Portugal instituiu um dia de feira nas cidades para evitar o êxodo rural e para que os colonos pudessem comercializar seus excedentes e suprir suas necessidades.

Menezes (2009) explica que essas feiras não se realizaram durante os primeiros duzentos anos da colonização (séculos XVI e XVII) devido ao fato de os colonos já comercializarem seus excedentes nas praias e também pela falta de uma agricultura desenvolvida voltada para a troca de excedentes. Ressalta-se que na época existia apenas a agricultura voltada à subsistência dos engenhos de açúcar (MENEZES, 2009).

Assim, faz-se necessário dissertar sobre o sistema feudal e o surgimento do comércio europeu para compreender o fenômeno das feiras livres. Os economistas Hunt e Lautzenheiser (2013, p.35) argumentam que

[...] o feudalismo foi o sistema socioeconômico que precedeu o capitalismo na Europa Ocidental. O declínio da parte ocidental do velho Império Romano deixou a Europa sem as leis e a proteção que o Império oferecia, por isso, desenvolveu-se um sistema regido por costumes e tradições: o sistema feudal.

O feudo era a instituição econômica básica da vida rural medieval, onde havia duas classes distintas: os nobres ou senhores feudais e os servos. O servo era protegido pelos senhores feudais que, por sua vez, deviam fidelidade e eram protegidos por senhores mais poderosos (HUNT; LAUTZENHEISER, 2013). Assim,

O senhor vivia do trabalho dos servos que cultivavam seus campos e pagavam impostos em espécie e em moeda, de acordo com o costume do feudo. De forma análoga, o senhor dava proteção, supervisionava e administrava a Justiça, de acordo com o costume do feudo. Deve-se acrescentar que, embora o sistema repousasse na reciprocidade das obrigações, a concentração do poder político e econômico nas mãos do senhor conduzia a um sistema no qual, por qualquer critério, o servo era explorado ao extremo. (HUNT; LAUTZENHEISER, 2013, p.36)

Em troca de apropriações muito pesadas do trabalho do servo, a nobreza dava proteção militar e a Igreja Católica dava apoio espiritual (HUNT; LAUTZENHEISER, 2013,p.36). Ressalta-se que o catolicismo teve uma influência forte e profunda no ocidente do continente europeu.

Além dos feudos, na Europa medieval, havia também muitas cidades. Elas eram importantes centros manufatureiros. Os bens manufaturados eram vendidos aos feudos e também comercializados no comércio de longa distância (HUNT; LAUTZENHEISER, 2013, p.36).

Dentro das cidades, as instituições econômicas eram chamadas de guildas e que representavam as associações artesanais, profissionais e de ofício. Essas guildas existiam desde o Império Romano, e quem quisesse produzir ou vender qualquer bem ou serviço, teria que entrar para uma delas:

As guildas se envolviam também em questões sociais e religiosas, tanto quanto as econômicas. Controlavam a vida de seus membros em todas as atividades: pessoais, sociais, religiosas e econômicas. Embora regulassem cuidadosamente a produção e a venda de mercadorias, as guildas se mostravam mais voltadas para a salvação espiritual de seus membros do que para a obtenção de lucros. A salvação exigia que o indivíduo vivesse uma vida ordenada, baseada nos costumes e ensinamentos da Igreja. Assim, as guildas exerciam uma poderosa influência como sustentadores do *status quo* nas cidades medievais. (HUNT;LAUTZENHEISER, 2013,p.37)

A sociedade medieval era predominantemente agrária. Hunt e Lautzenheiser (2013) afirmam que no decorrer dos séculos, o aumento da produtividade agrícola constituiu uma série de mudanças profundas que resultaram na dissolução do feudalismo e no início do capitalismo. Como exemplo, Hunt e Lautzenheiser (2013,p.37) citam “a importância da substituição do sistema de plantio de dois campos para o sistema de três campos. Esse sistema foi introduzido na Europa no século VIII, no entanto, seu uso se generalizou no século XI”.

Com a nova técnica, a produtividade agrícola aumentou. Como consequência, começou-se a substituir o boi pelo cavalo. Como os cavalos eram mais rápidos que os bois, as áreas cultivadas foram estendidas, o que permitiu que o campo alimentasse centros urbanos mais populosos. Com o cavalo como o transporte, o deslocamento de homens, de mercadorias e de equipamentos ficou mais eficiente. As melhorias que ocorreram na agricultura e no transporte

contribuíram para tornar possível um rápido aumento do crescimento da população e um rápido aumento de concentração urbana:

O crescimento das vilas e cidades conduziu ao crescimento da especialização rural-urbana. Conseqüentemente, a produção de manufaturados cresceu bastante, permitindo que os trabalhadores urbanos rompessem todos os laços com a terra. A crescente produção manufatureira e a crescente especialização econômica trouxe ganhos adicionais de produtividade. A crescente especialização também favoreceu o desenvolvimento do comércio inter-regional e de longa distância. (HUNT; LAUTZENHEISER, 2013,p.38)

Smith(1996) pontua que a Divisão do Trabalho também contribuiu com o aumento da produção nas manufaturas, uma vez que possibilitou ao artesão maior destreza e habilidade, poupança do tempo devido às invenções de máquinas que facilitam e abreviam o trabalho.

Segundo Hunt e Lautzenheiser (2013,p.39),“o crescimento do comércio foi sustentado pela evolução econômica interna da Europa, como consequência de uma série de melhorias realizadas na agricultura”. Desta forma, tornou-se possível oferecer excedentes de alimentos e de manufaturas também para o mercado internacional.

A melhoria na energia e no transporte tornou possível e lucrativo concentrar os indivíduos nas cidades, produzir em grande escala e vender os bens produzidos nos mercados mais amplos, de longa distância. (HUNT; LAUTZENHEISER, 2013, p.39)

Além disso, o movimento das cruzadas também deu força a uma marcante expansão do comércio. Assim, “foi a partir das Cruzadas (que tiveram início no século XI e se estenderam até o século XIII) que houve uma intensificação das relações comerciais entre a Europa e o Oriente, através do Mar Mediterrâneo.” (COSTA; MELO, 1999, p.11). Essas relações resultaram, acrescido da ausência de guerras e da redução das taxas de mortalidade, em um acréscimo populacional na Europa Ocidental.

Esse aumento populacional contribuiu para o aumento de mão-de-obra disponível e para expansão do mercado de consumo, o que influenciou diretamente no aumento da produção agrícola. O desenvolvimento do comércio com os árabes e com os vikings, no norte, levou ao crescimento da produção para a exportação e às grandes feiras comerciais europeias. (HUNT; LAUTZENHEISER, 2013, p. 40)

Smith (1996) destaca a importância do trabalho fluvial ou marítimo para a abertura de um mercado mais vasto. O autor revela que, naturalmente, é na costa marítima e ao longo dos rios navegáveis que todo tipo de trabalho ou ocupação começa a subdividir-se e aprimorar-se. Posteriormente, esse aperfeiçoamento se estende ao interior de um país.

Destarte, com o desenvolvimento do comércio, com as inovações técnicas e com os aperfeiçoamentos das estradas e das comunicações, foram possibilitados o renascimento urbano e os excedentes de produção para as trocas comerciais. Com isso, parte da população passou a viver do comércio e do artesanato. Essa relação comercial contribuiu para que a moeda voltasse a ter importância, desempenhando um importante papel na implantação do dinheiro, na manutenção do capitalismo e no surgimento das cidades.

Com a prosperidade do comércio e sua expansão, houve a necessidade de mais manufaturados e maior confiabilidade na oferta. Isso possibilitou ao capitalista comerciante, um crescente controle sobre o processo produtivo.

Hunt e Lautzenheiser (2013,p.46) apontam o início do século XVI como um divisor de águas na História da Europa, marcado pela linha divisória entre a decadência do feudalismo e o surgimento do capitalismo.

Segundo Hunt e Lautzenheiser (2013,p.42),

Por volta do século XVI, o tipo de indústria artesanal, no qual o artesão era proprietário de sua oficina, de suas ferramentas e matérias-primas e funcionava como um pequeno produtor independente tinha sido largamente substituído, nas indústrias de exportação, pelo sistema doméstico de trabalho.

No sistema doméstico de trabalho, o comerciante capitalista fornecia matéria-prima aos artesãos para que fosse transformada em um produto acabado. Com a evolução do sistema, o capitalista comerciante passa a ser o proprietário também das ferramentas e do espaço de trabalho. Ao artesão, coube somente a venda de sua força de trabalho. As indústrias têxteis estavam entre as primeiras que utilizaram esse sistema. “Essas duas características marcam o surgimento do sistema econômico do capitalismo.”(HUNT; LAUTZENHEISER, 2013,p.42).

Ainda segundo os autores, o rompimento do sistema feudal se originou de uma série de eventos no final do século XIV e início do século XV, como a Guerra dos Cem Anos entre a França e a Inglaterra e a “peste negra”<sup>1</sup>.

Como consequência desses dois grandes eventos, houve o despovoamento, o que provocou uma grande falta de mão de obra. Houve elevação nos salários e a terra que estava abundante, produzia rendas menores. Diante disso, a nobreza feudal tentou restabelecer os serviços obrigatórios dos servos. Como resultado, os servos se revoltaram, o que resultou nas famosas revoltas camponesas. Hunt e Lautzenheiser (2013, p. 31) afirmam que “as mudanças fundamentais na estrutura política e econômica, frequentemente, são conseguidas após conflitos traumatizantes”.

Outra contribuição muito importante que favoreceu a transição do capitalismo foi o despertar intelectual do século XVI. Nesse período, desenvolveram-se o telescópio e o compasso, inovações que contribuíram nas navegações, pois permitiam que os homens navegassem com uma maior precisão e cobrissem maiores distâncias. Como consequência desses avanços, em pouco tempo, os europeus tinham mapeado rotas marítimas para as Índias, a África e as Américas (HUNT; LAUTZENHEISER, 2013).

O presente tópico trouxe o resumo da expansão do comércio europeu e os fatores que contribuíram com o sistema capitalista. Objetivou-se analisar o desenvolvimento do comércio para que nos tópicos futuros seja compreendido o desenvolvimento das feiras urbanas. No tópico seguinte, será abordada a colonização brasileira à luz da expansão comercial europeia.

## **2.2 Da expansão comercial europeia à colonização brasileira**

Neste tópico, será exposto um breve relato sobre a ocupação das terras americanas, especificamente o caso do território brasileiro, uma vez que se trata de um episódio da expansão comercial da Europa exposto anteriormente.

Sobre a expansão do comércio brasileiro, pode-se destacar as formas de comércio externo (voltado ao comércio internacional) e de comércio interno (comércio

---

<sup>1</sup>A Peste Negra (1347-1350) foi um surto de peste bubônica que, agravado pelas precárias condições de higiene e alimentação da população, dizimou um terço dos europeus. A Guerra dos Cem Anos (1337-1453) devastou a agricultura e desarticulou o comércio no Ocidente europeu (COSTA; MELLO, 1999, p.15).

voltado ao interior do próprio país).No primeiro circuito (comércio externo), o Brasil apresenta-se como fruto da expansão do comércio mundial, ressalta-se, no entanto, que já existia no país um comércio interno, porém com fortes barreiras à sua expansão.

O economista Celso Furtado (2005, p.9) pontua que “a partir do século XI, o comércio interno Europeu já se encontrava em processo de crescimento, chegando ao século XV com um elevado grau de desenvolvimento.”As invasões turcas começaram a criar dificuldades às linhas orientais de abastecimento de produtos de alta qualidade, incluindo a manufaturas (CELSO FURTADO, 2005).

O autor afirma que os europeus,para contornarem esse obstáculo, sentiram-se obrigados a buscar rotas comerciais alternativas, uma vez que as rotas existentes entre o oriente e o ocidente estavam sob o domínio otomano. Desta forma, em busca de novas rotas comerciais com o oriente, espanhóis e portugueses aportaram nas novas terras americanas.

Diante desses fatos, infere-se que o início da ocupação econômica do território brasileiro é apontado como consequência da pressão política que os países europeus exerceram sobre os países ibéricos, pois “prevalecia o princípio de que espanhóis e portugueses apenas tinham direito àquelas terras que houvessem ocupado efetivamente.” (CELSO FURTADO, 2005, p.9).

Celso Furtado (2005) relata que países como a França organizaram estratégias para criar colônias de povoamento nas novas terras, mais especificamente na costa setentrional do Brasil. Movimento esse observado com receio pelos portugueses que utilizaram de subornos para desviar a atenção dos franceses das terras brasileiras. Porém, tornava-se evidente a necessidade de ocupar as terras brasileiras permanentemente. “Espanha e Portugal acreditavam que tinham o direito à totalidade das novas terras, o que era contestado por nações europeias como a Holanda, a França e a Inglaterra.” (CELSO FURTADO, 2005,p.10).

Ainda de acordo com Celso Furtado (2005), os recursos de Portugal eram limitados, se comparados aos de seu oponente – Espanha – que eram considerados bastante superiores. Contudo, coube à Portugal investir na exploração agrícola das terras americanas como estratégia de ocupação. Já a Espanha decidiu concentrar

seu sistema de defesa em torno do eixo produtor de metais preciosos (México-Peru)<sup>2</sup>.

Com isso, a América passa a constituir parte integrante da economia reprodutiva europeia, com o objetivo de criar um fluxo de bens destinados ao mercado europeu, permanentemente. Celso Furtado (2005, p.10) afirma que:

O açúcar, uma das especiarias mais apreciadas no mercado europeu, já vinha sendo produzido em grande escala pelos portugueses nas ilhas do Atlântico. Por isso, essa experiência foi de grande importância, pois além de solucionar os problemas técnicos relacionados com a produção do açúcar, ainda possibilitou o desenvolvimento em Portugal da indústria e equipamentos para os engenhos açucareiros.

De acordo com Celso Furtado (2005), um conjunto de circunstâncias favoráveis contribuiu para o êxito da colonização do Brasil. O autor cita os motivos para esse êxito: o sucesso da experiência técnica dos portugueses, o poder financeiro dos holandeses<sup>3</sup> e o fato de os portugueses já serem senhores de um completo conhecimento do mercado africano de escravizados na época, uma vez que investir em mão-de-obra europeia seria inviável.

Destaca-se que esta pesquisa não objetiva expor sobre todo o processo da formação econômica do Brasil, pois para isso necessitaria de um aprofundamento sobre a queda da empresa açucareira no Brasil, a exportação de metais preciosos, o ciclo do café, dentre outros acontecimentos. O que se pretende aqui é expor como o desenvolvimento do comércio europeu influenciou na colonização do Brasil, para uma melhor compreensão sobre a origem e a evolução do comércio urbano no país.

Para entender o universo da economia urbana, será abordado no tópico seguinte a Teoria dos Circuitos da Economia Urbana, de Milton Santos, uma vez que o referido autor apresenta as características dos circuitos superiores e inferiores, e as características das feiras que se enquadrariam no circuito inferior ou “marginal” da economia urbana.

---

<sup>2</sup>Furtado (2005) pontua que mesmo com o fortalecimento do sistema de defesa da Espanha o país sofreu ataques de inimigos em importantes áreas comerciais como as Antilhas. Tal fato desdobrou novas ações da Espanha nas terras brasileiras.

<sup>3</sup>Furtado (2005) aponta a importância da influência holandesa no êxito de ocupação das terras brasileiras uma vez que eles eram especializados no comércio intraeuropeu e dispunham de suficiente organização comercial para criar um mercado de grandes dimensões para um produto praticamente novo, como o açúcar.

### 2.3. Economia Urbana: a Teoria dos Circuitos de Milton Santos

Para melhor compreender o fenômeno das feiraslivres, é necessário dissertar sobre a Teoria de Santos (1979) a respeitada existência de dois subsistemas na organização da economia urbana: o circuito superior ou “moderno” e o circuito inferior ou “marginal”.

O primeiro circuito possui organização burocrática, uso intensivo de capital e tecnologia de ponta e é constituído, por exemplo, pelas indústrias de exportação e bancos. A mão-de-obra é limitada, prevalecem os salários regulares, os preços geralmente são fixos, o crédito é institucional, a relação com os fregueses é impessoal e a propaganda é necessária.

Já no segundo circuito, a organização não é estruturada; há uso intensivo de mão-de-obra; a tecnologia é inferior; os trabalhadores, geralmente, possuem baixo nível de instrução e o comércio é em pequena escala, entre outras características. Apesar dessa diferenciação, o autor pontua que os dois circuitos se confundem em toda parte no sistema urbano, tanto nas metrópoles quanto nas cidades.

No circuito inferior, as atividades de serviços são criadas principalmente para a população que, muitas vezes, não consegue acessar os serviços do circuito superior, segundo Santos (1979). O autor pontua que, nas cidades menores – onde a população pobre é maioria –, os serviços do circuito “marginal” servem para substituir os serviços modernos.

Santos (1979) ainda subdivide o circuito inferior de acordo com a sua localização na cidade. Um é o circuito inferior central e o outro circuito inferior residencial: “[...] ambos têm localização e comportamentos diferentes, cada um apresentando funcionamento específico.” (SANTOS,1979, p.350).

Assim, o circuito inferior residencial é totalmente ligado à população. Já o circuito inferior central está ligado à população do centro, que se caracteriza também pelas relações privilegiadas com as atividades centrais e por estarem relacionadas às atividades do próprio setor moderno. Acrescenta-se, ainda, que as ligações entre os diversos elementos são mais numerosos e frequentes no centro da cidade (SANTOS,1979).

Santos (1979) enfatiza que, no centro da cidade, encontra-se o terminal de carga de transportes e o lugar de encontro das diferentes camadas sociais. Diante dessas vantagens, o circuito inferior assume formas complexas. A partir disso, conclui-se que a existência do circuito inferior nos bairros existe para dar uma resposta imediata às necessidades de uma população com poucos recursos.

Portanto, tanto o circuito inferior residencial quanto o circuito inferior central têm contatos por intermédio de ambulantes, ou seja, por intermédio dos atacadistas, que, geralmente, estão situados no centro.

Em relação ao circuito superior e suas interlocuções, o autor defende que o comércio moderno aumenta com o tamanho e o nível funcional da cidade. Assim, se os números de empresários, profissionais liberais e salários forem maiores na cidade, haverá uma quantidade maior de compradores para os bens e serviços do comércio moderno (SANTOS, 1979).

Explica-se ainda que as grandes empresas que são voltadas para exportação se estabelecem em uma determinada região com o objetivo de lucrar. Assim, as decisões institucionais são voltadas para que a empresa consiga atingir seus objetivos. O estudioso argumenta que tudo isso prejudica a planificação da economia e do espaço. Esse comprometimento aumenta quando a empresa é multinacional e suas decisões são tomadas fora do país (SANTOS, 1979). No entanto, acredita-se que o circuito moderno tinha condições de aumentar a produção, ou seja, de criar o crescimento e difundi-lo nos níveis social, econômico e geográfico:

Ora, o circuito moderno em si mesmo pode criar o crescimento, mas não o desenvolvimento; por outro lado, tal lógica negligencia o papel muito importante do circuito inferior na economia regional dos países e das regiões pobres (SANTOS, 1979, p.364)

Conforme Santos (1979), na rede nacional, as atividades modernas possuem papel determinante, enquanto as atividades ligadas ao circuito inferior têm papel subordinado. Contudo, no plano local, a situação é diferente, além de ser um processo de transformação e adaptação permanente.

O circuito superior supera o circuito inferior a longo ou a médio prazo. Entretanto, para que essa afirmação se torne verdadeira, é preciso considerar o momento preciso no tempo, uma vez que o circuito inferior não é completamente

passivo, pois ele representa uma força de inércia frente à modernização e posterga a expansão total do circuito superior.

Santos (1979) revela, ainda, que como ação do circuito superior não abrange o território nacional de modo uniforme, cabe ao circuito inferior a tarefa de prolongar ou substituir a ação do circuito superior nas periferias. É justamente nas periferias que é possível visualizar o papel de organização da economia e do espaço pelo circuito inferior.

O Estado privilegia as atividades do circuito superior através de incentivos para as empresas, pois o comércio moderno tem como base a produção e os lucros importantes. Já o circuito inferior apresenta grande variação de preços no momento do intercâmbio entre consumidores e vendedores. Como o circuito inferior tem como característica importante a satisfação das necessidades imediatas das camadas menos privilegiadas, as feiras livres assumem um papel importante nesse processo.

### 3. DISCUSSÕES SOBRE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E CRESCIMENTO ECONÔMICO

Como o objetivo geral desse trabalho é analisar a relevância da Feira da Parangaba para o desenvolvimento socioeconômico da cidade de Fortaleza, faz-se necessário compreender o significado do termo desenvolvimento econômico e a diferenciá-lo da categoria crescimento econômico.

Souza (2012,p. 01) aponta que “a questão do desenvolvimento econômico tem raízes teóricas e empíricas iniciadas, na maioria das vezes, nas crises econômicas do sistema capitalista”. A autora afirma que esse tema se destacou como problema, a partir das flutuações econômicas do século XIX. A concentração de renda e da riqueza em nível mundial, agravada com o surgimento de alguns poucos países industrializados, tornou claro a disparidade entre nações ricas e pobres, acentuada pelo surgimento de poucos países industrializados (SOUZA, 2012).

A partir disso, a noção de desenvolvimento e a questão de distribuição passou a ser destaque mundial. Já o tema sobre crescimento econômico emerge com força com Adam Smith. Souza (2012) explica ainda que o autor buscou identificar os fatores da formação da riqueza nacional e como o mercado opera para permitir a produção de lucros.

Smith (1790 *apud* Souza, 2012) defende o trabalho produtivo como elemento essencial para explicar a riqueza nacional e afirma que a quantidade de produto obtido por trabalhador depende da quantidade de capital investido, da tecnologia disponível e da divisão do trabalho, possibilitada pelo aumento da dimensão dos mercados.

O trabalho anual de cada nação constitui o fundo que originalmente lhe fornece todos os bens necessários e os confortos materiais que consome anualmente. O mencionado fundo consiste sempre na produção imediata do referido trabalho ou naquilo que com essa produção é comprado de outras nações (SMITH,1996,p.59).

Para Smith (1996), a poupança é o modelo de desenvolvimento, pois ela se transforma em investimento, permitindo a contratação de trabalhadores produtivos e o aumento do nível do produto.

Desta forma, de acordo com Souza (2012), o desenvolvimento econômico, na visão de Smith, é caracterizado pelo aumento dos indicadores econômicos e de

infraestrutura, pela melhoria de distribuição de renda e pela elevação geral do nível de bem-estar do conjunto da população.

A autora ainda defende que como as crises econômicas ocorrem a partir de variáveis diferentes, de acordo com os setores e as regiões. A estabilidade é condição para o desenvolvimento como o crescimento (SOUZA, 2012). Assim, pode-se inferir, como uma consequência dessas crises, a intensificação dos estudos sobre os indicadores do desenvolvimento econômico e da miséria nos países pobres, por exemplo, com o intuito de estimular o crescimento econômico. Além disso, as crises aumentam a pobreza e agravam as desigualdades sociais.

Em relação ao tema sobre desenvolvimento no contexto da América Latina, explicita-se que, no fim dos anos 1940 e início dos anos 1950, os economistas dos países pobres realizaram estudos e elaboraram diagnósticos sobre a realidade de seus países com a finalidade de captar recursos dos países mais desenvolvidos (SOUZA, 2012).

Ainda sobre esses estudos, percebe-se que não há uma definição aceita de desenvolvimento. A autora cita a existência de uma corrente de teóricos que consideram o desenvolvimento como sinônimo de crescimento. Acrescenta que há outra corrente que entende o crescimento como condição indispensável para o desenvolvimento, pois “O desenvolvimento econômico não pode ser confundido com crescimento, porque os frutos dessa expansão nem sempre beneficiam a economia como um todo e o conjunto da população.” (SOUZA, 2012, p. 5).

Assim, a autora define a questão do desenvolvimento econômico pela existência de crescimento econômico contínuo, em ritmo superior ao crescimento demográfico, incluindo as mudanças de estruturas e a melhoria de indicadores socioeconômicos e ambientais (SOUZA, 2012).

Autores como Passos e Nogami (2005) defendem que o crescimento econômico (ato ou efeito de crescer) pode ocorrer pelo aumento contínuo do Produto Nacional Bruto (PNB), tanto em termos globais como *per capita*. Já consideram como desenvolvimento econômico “um estágio econômico, social e político de uma sociedade, caracterizado pela constante melhoria nos índices de produtividade dos fatores de produção[...]” (PASSOS; NOGAMI, 2005, p. 551). Assim,

O grau de desenvolvimento de uma nação é percebido pela análise de certos indicadores que se relacionam em termos de estrutura. Esses indicadores compreendem três grandes grupos cujos conceitos seguem as

definições estabelecidas pelo Banco Mundial(BANCO MUNDIAL, 2000,p.275*apud*PASSOS; NOGAMI, 2005,p.555).

Analisa-se, a partir da leitura dos autores referenciados, que à categoria desenvolvimento econômico se atribuem características bem mais complexas, que ultrapassam a área econômica, pois além dos indicadores Vitais, Econômicos e Sociais, surgiram o Índice de Desenvolvimento Humano(IDH) e o Índice de Corrupção Percebida(ICP) que são outras formas mais elaboradas para medir o desenvolvimento.OIDH é um indicador que tem como objetivo específico:

Monitorar o desenvolvimento humano,aumentando as opções das pessoas para que possam ter uma vida longa e saudável, se educar e agregar conhecimentos, ter acesso aos recursos necessários para um padrão de vida decente, defendendo a igualdade entre homens e mulheres, preservando as gerações futuras e garantindo um bem estar geral da humanidade(PASSOS; NOGAMI, 2005, p.557).

Já sobre o ICP, tem-se que:

Idealizado e desenvolvido pelo pesquisador alemão Johann Graf Lambsdorff, da Universidade de Gottingen, esse índice é o resultado de uma pesquisa de abrangência mundial, em que se procura identificar, por exemplo, o mau uso da máquina estatal para benefícios privados. (PASSOS; NOGAMI, 2005, p.557).

Passos eNogami (2005) consideram, ainda, que existente uma correlação entre o grau de desenvolvimento econômico e o grau de corrupção.Em geral, quanto mais evoluída é uma economia, mais distante ela estará desse tipo de comportamento.

Para enriquecer ainda mais essa discussão sobre desenvolvimento, faz-se necessário trazer a contribuição de Sen (1999, p.29), que discute o tema sob a perspectiva das liberdades substantivas que a autora considera como “as liberdades que temos razões para valorizar” e que põem em prática “nossas volições”. Para a autora, “o desenvolvimento tem de estar relacionado, sobretudo com a melhora da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos.”(SEN, 1999, p.29).

Assim, para a autora supracitada, expandir a liberdade torna os seres humanos mais completos, o que favorece as relações deles com o mundo, por isso “a liberdade é um determinante principal da iniciativa individual e da eficácia social”(SEN,1999, p.33).

Com relação aos indicadores utilizados no Brasil, Souza (2012) revela que é utilizado o fator da renda familiar de um salário mínimo para definir a linha de

pobreza e que a economia subdesenvolvida, em sua forma mais primitiva, encontra-se compartimentada nos setores de subsistência, mercado interno e mercado externo.

No setor de subsistência, as unidades produtoras são geralmente familiares e produzem basicamente para o consumo próprio; além de consumir grande parte de sua produção, destinam pequena parcela para o mercado. Entretanto, essa parcela pode expandir-se ou contrair-se em função do dinamismo temporário do setor de mercado externo, que dinamiza tanto o meio rural como o setor urbano e industrial (SOUZA, 2012). Desta forma, pode-se enquadrar o comércio urbano (feira livre) no setor de subsistência.

Diante do exposto, observa-se que as feiras possuem um papel importante na vida de seus agentes, pois representam um espaço de ampliação de suas liberdades. Proporcionam, ainda, inclusão social, uma vez que estão ligadas às interações sociais que elas favorecem e à geração de renda.

Faz-se necessário pontuar a necessidade do Estado assumir um compromisso com as políticas de incentivos ao fortalecimento das feiras através de ações que proporcionem a garantia de segurança pública e as melhorias na infraestrutura. Deve-se, também, incentivar a participação social na tomada de decisões.

Sobre isso, Sen(1999, p.33 ) pontua que,

Assim, atenta-se particularmente para a expansão das “capacidades” [*capabilities*] das pessoas de levar o tipo de vida que elas valorizam –e com razão. Essas capacidades podem ser aumentadas pela política pública, mas também, por outro lado, a direção da política pública pode ser influenciada pelo uso efetivo das capacidades participativas do povo.

Nessa pesquisa, procura-se conhecer a compreensão da feira livre, o nível de satisfação das necessidades básicas das participantes, a partir das perspectivas delas, considerando o acesso à moradia, à alimentação, ao vestuário e ao lazer, entre outras questões que serão apresentadas posteriormente.

## **4. A FEIRA COMO ESPAÇO DE TROCA E A EXPERIÊNCIA DOS AGENTES SOCIAIS NA FEIRA DA PARANGABA**

### **4.1 O objeto de estudo: a Feira da Parangaba**

A Feira da Parangaba localiza-se, atualmente, no encontro entre a Rua Pedro Muniz e Rua Vila Lobos; e entre a Rua Pedro Muniz e a Rua Carneiro de Mendonça. Essas ruas estão localizadas no bairro de Parangaba, na capital cearense.

Anteriormente, a citada feira se localizava no lado oposto da Lagoa de Parangaba, na Rua José Bastos, ao lado do Terminal de integração da Lagoa, da Parangaba. A mudança ocorreu para que houvesse uma urbanização da Lagoa da Parangaba, projeto realizado pela Secretária de Infraestrutura do Município (Seinf), no ano de 2019 (PMF, 2019).

A feira em estudo também é conhecida como a feira dos pássaros, porque antes concentrava venda de animais, sobretudo, aves. Ainda há uma grande comercialização de animais, entretanto a venda de animais silvestres não é permitida, de acordo com a Legislação ambiental vigente<sup>4</sup>.

Parangaba é um bairro de Fortaleza administrado pela SER IV e faz parte da Área Integrada de Segurança 5 (AIS 5). Desde 1997, durante a gestão do prefeito Juracy Vieira de Magalhães (PMDB-CE), a administração executiva da prefeitura está dividida em subprefeituras chamadas de Secretárias Executivas Regionais (as SERs).

A partir de 16 de dezembro de 2019, a Câmara Municipal de Fortaleza aprovou a tramitação do PLC Nº37/2019, que tinha como proposta uma nova divisão territorial, elevando de 7 para 12 o número de regionais (SER I, SER II, SER III, SER IV, SER V, SER VI, SER VII, SER VIII, SER IX, SER X, SER XI E SER XII), com o objetivo de atender as prioridades estabelecidas pelas políticas de governo.

---

<sup>4</sup>A proteção da fauna está prevista na Constituição Federal e na Lei nº 9.605/98.

## 4.2 Análise e discussões dos dados

No tópico anterior foi possível apresentar um pouco das características da Feira da Parangaba a partir de informações disponibilizadas pela Prefeitura da cidade de Fortaleza-Cee de vivências que a pesquisadora já tinha antes do período da pandemia da COVID-19. Neste tópico, serão apresentados dados coletados das entrevistas e da pesquisa de campo; as discussões foram apresentadas em subitens, como se pode observar a seguir.

### 4.2.1. Infraestrutura e características da Feira da Parangaba

O tema sobre a Feira da Parangaba foi escolhido no ano de 2018 quando a presente pesquisadora cursava a disciplina “*Metodologia de Pesquisa*”. Naquela época, a referida feira se localizava em frente ao Terminal da Lagoa e apresentava outra dinâmica. Em 29 de janeiro de 2019, ocorreu um novo ordenamento e a feira mudou de local. Neste novo local, de acordo com a Regional IV foram cadastrados um total de (1.582) feirantes, sendo divididos conforme a tabela a seguir:

Tabela 1 – Produtos vendidos na Feira da Parangaba, de acordo com o segmento

SEGMENTO	QUANTIDADES PERMISSIONÁRIOS
<b>CONFECÇÃO</b>	523
<b>VARIEDADES</b>	373
<b>HORTALIÇAS, LATICÍNIOS E AÇOUGUE</b>	246
<b>ALIMENTAÇÃO</b>	162
<b>ANIMAIS E ACESSÓRIOS PET</b>	96
<b>DIVERSOS</b>	153
<b>AMBULANTES</b>	29
<b>TOTAL GERAL</b>	1.582

Fonte: PMF, 2019.

A Coordenadoria de Ordenamento do Território da Regional IV também informou que a limpeza do local é gerenciada pelo Setor de Conservação; que não

existe fiscalização de nenhum órgão competente (IBAMA ou Polícia Civil) em relação à venda de animais; que foram construídos 04(quatro) banheiros e que não há cobranças de taxas para os feirantes.

Ao se aproximar da Feira da Parangaba, percebe-se de imediato a grande aglomeração que se forma no espaço: fornecedores, vendedores, compradores e transeuntes interagem entre si. São pessoas de todos os sexos, idades, religiões e classes sociais.

É visível que há vários tamanhos de barracas(o padrão seria de 2 metros, inclusive foi explicado pela Prefeitura para os feirantes).Existem também unsquadrados delimitando a padronização da barraca (pintura no chão).No entanto, como não acontece fiscalização, os feirantes “padronizam” suas estruturas ao seu modo, colocando barraca de 2,5; 3m e até de 4m,de acordo com orelato de uma das entrevistadas). As barracas são organizadas lado a lado deixando corredores para o vai e vem das pessoas e para pequenos transportes (carro de mão, carrinhos de feiras ou para os vendedores que não possuem pontos fixos).

Bicicletas, confecção, hortaliças, laticínios, carnes, alimentos, variedades, eletroeletrônicos, acessórios, animais vivos, peixes ornamentais e ração são alguns produtos ofertados nessa economia. Há também a oferta de diversos serviços, tais como: corte de cabelo, manicure, conserto de celular, etc.

Nos três dias de observação participante, visualizou-se a presença de policiais militares apenas no início da feira. Percebeu-se que a feira está dividida por segmentos. Ainda a respeito dos achados advindos da pesquisa de campo, não foi possível localizar banheiros. Na verdade, viu-se um local com papelão com o nome *banheiro*,talvez construído pelos próprios feirantes. Inclusive, além da necessidade de mais policiamento, a falta de um banheiro adequado foi um dos pontos presentes em quatro entrevistas quando as depoentes foram questionadas sobre o que poderia ser melhorado; conforme mostram as falas a seguir:

“Tem que botar banheiro que não tem, fiscalização que não estar tendo mais, segurança que não tem, na outra tinha. Lá eram os policiais militares e os seguranças particular”. (Entrevistada nº1)

“...não tem segurança, no começo, tipo, havia mais policiamento”.(Entrevistada nº 2)

Em relação à mudança de localização da feira, percebeu-se forte impacto para essas feirantes:

“Dezenove anos lá, a outra era melhor porque tinha o acesso ao terminal, a Parangaba ali era muito conhecida.” (Entrevistada N°1)

“O que poderia melhorar? Era voltar a gente para o nosso local que era, porque aqui mesmo, ela é boa pra mim, graças a Deus! Ela é boa, mas tem muitos feirantes que tem dia de não descolar(...)”. (Entrevistada N°4)

#### **4.2.2 Perfil socioeconômico dos agentes sociais (feirantes) inseridos na Feira da Parangaba**

Entrevistada N°1

Mulher, 52 anos, separada, cursou até o ensino fundamental incompleto, reside no bairro do Jockey Clube com a filha, possui casa própria, renda familiar de R\$ 2.500,00 reais obtida do seu trabalho e de sua filha no comércio popular. A Entrevistada n°1 trabalha há 22 anos na Feira da Parangaba, possui banca própria, comercializa vestidos femininos infantis, vestidos de boneca, laços de cabelo, máscaras de tecido; todos esses produtos são de fabricação própria. As roupas de crianças adquiridas são de fornecedores. Não vende exclusivamente os mesmos produtos desde que iniciou seu trabalho na feira.

Entrevistada N°2

Mulher, 71 anos, viúva há 07 anos, cursou até o ensino fundamental incompleto, reside no bairro Vila Pery sozinha, possui casa própria, renda familiar composta de uma pensão no valor de um salário mínimo acrescido dos rendimentos da feira que não soube dizer ao certo. A interlocutora trabalha na feira há 20 anos, não possui banca própria, comercializa meias e artigos masculinos, não produz o que vende e comercializa o mesmo produto desde o início de sua atuação na feira. Declarou que a atividade na feira é a “*herançazinha*” deixada por seu marido.

Entrevistada N°3

Mulher, 26 anos, solteira, cursou o ensino superior completo, mora no bairro Jóquei Clube com a mãe, possui casa própria, rendade R\$ 1.045,00 adquirida no mercado formale R\$ 2.500,00 reais obtida do seu trabalho e de sua mãe adquiridano comércio popular. Possui banca própria, comercializa confecção, calçados infantis, laços para cabelo(infantil), vestidos para bonecas, sendo que a confecção é com o mesmo produto desde o início da atividades, mas com o passar do tempo vai comercializando novosprodutos. Acompanha os eventos(Carnaval) e as datas comemorativas(Dia das Crianças) e 30% dos produtos comercializados têm fabricação própria.

#### Entrevistada N°4

Mulher, 67 anos, divorciada, cursou até o ensino fundamental incompleto, reside no bairro Bonsucesso com 08 pessoas, possui casa própria, renda familiar de um salário oriundo de sua aposentadoria mais os ganhos da feira, sendo esta última a renda principal. A Entrevistada n°4 trabalha há 48 anos na Feira da Parangaba comercializando peças infantis e peças íntimas femininas, que adquire de fornecedores.Os produtos não são os mesmos produtos de desde o início da atividade comercial da referida feirante.

#### Entrevistada N°5

Mulher, 40 anos, casada, cursou ensino médio completo, mora no Conjunto Ceará com o esposo e o filho, renda familiar de 05 salários. Trabalhou por 15 anos na Feira da Parangaba vendendo utilidades do lar, acrescentou novos produtos de acordo com as demandas e encerrou sua atividade na citada feira no ano de 2020, quando abriu loja própria em espaço próprio.

Das informações supracitadas, merecem destaque as seguintes questões:

Das 05 entrevistadas, três não concluíram o ensino fundamental e nesta pesquisa apresentaram dificuldades em responder sobre o lucro de suas vendas. Contudo, isso não quer dizer que a comercialização de seus produtos na feira não seja importante para a satisfação de suas necessidades, como se percebe na fala da seguinte entrevistada:

“Todas elas é muito importante. Pior que todas elas é um complemento. Eu nem me vejo sem nenhuma delas mais.” (Entrevistada N<sup>o</sup>1)

Continuando com a análise das entrevistadas que não concluíram o ensino fundamental, a Entrevistada n<sup>o</sup>2 não soube declarar quanto se lucra e nem se está tendo prejuízo; revelou que o ambiente da feira é um espaço que ela gosta para se “*distrain*”, mas que consegue suprir algumas necessidades imediatas do cotidiano.

Em relação à Entrevistada n<sup>o</sup>4, a mesma atribui à feira um papel muito importante, mesmo a declarante sendo aposentada, conforme relato:

“(…) porque se eu fosse viver do salário, já tinha morrido de fome. A aposentadoria só dá para água, luz, internet e sobra um pouquinho para pagar o funeral. Nem conto com a aposentadoria, ganho mais na feira. Hoje, hoje meu apurado foi de R\$500,00 reais, onde mil e pouco, é o salário.”

No que concerne às duas entrevistadas que concluíram o ensino médio, percebeu-se um maior conhecimento em relação às receitas e às despesas. A Entrevistada N<sup>o</sup>3, formada em Administração pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), declarou que o trabalho da feira é um complemento ao seu salário oriundo do mercado formal.

Afeirante N<sup>o</sup>5 que concluiu o ensino médio tem bastante conhecimento sobre o ato de não só comercializar, mas também de empreender, já que a interlocutora encerrou suas atividades na feira devido à abertura de sua própria loja de variedades em sua residência. Inclusive, a entrevistada revelou que é cadastrada como microempresária - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ).

Os dados apresentados anteriormente trazem questionamentos sobre a satisfação das necessidades ditas básicas dessas feirantes, como o acesso à alimentação, à moradia, ao lazer e ao vestuário, como exemplos. Como resposta, todas responderam positivamente, inclusive todas possuem casa própria. Isso é instigante, já que a discussão sobre a satisfação das necessidades está intrinsecamente ligada à noção de desenvolvimento econômico. Segundo Souza (2012, p.9), um dos principais indicadores de desenvolvimento é o número de pessoas pobres, sem condições de satisfazer suas necessidades básicas devido à renda insuficiente.

### **4.2.3 A compreensão da feira livre a partir das perspectivas das agentes sociais**

A escolha de um tema pelo pesquisador já pressupõe uma percepção sobre a dinâmica do que se pretende pesquisar. No caso desta pesquisadora, já havia uma noção mínima da organização da feira livre. Contudo, as entrevistas trazem dados reveladores das percepções das interlocutoras e é exatamente o que será analisado neste tópico.

Para isso, os questionamentos foram agrupados de acordo com os seguintes assuntos: a definição de feira, os motivos que levaram as entrevistadas a entrarem no mercado informal, uma sugestão para quem estiver cogitando a ideia de inserção nas feiras, o que poderia ser melhorado em seu ambiente de trabalho e a possibilidade de se trabalhar no mercado formal.

Sobre como elas definem a feira livre:

“Eu gosto de vim porque aqui você vê o público, é diferente de um trabalho fechado, fazer o que, nove anos e meio de empresa, mas eu me sentia numa prisão, aqui tenho liberdade. Aqui pra mim é satisfatório.” (Entrevistada N° 1)

“Eu tenho assim (pausa) uma diversão, conheço todo mundo, eu acho bom.” (Entrevistada N°2)

“Oportunidade, muitos gostam, algo dinâmico, conquistar outras amizades”. (Entrevistada N°3)

“Pra mim, feira livre é tudo! Primeiro do que tudo! Eu tenho saúde porque eu vivo nela(...). Nessa pandemia, eu fiquei em casa, eu adoeci, tive depressão.” (Entrevistada N°4)

“Local de trabalho, mas assim, como se fosse uma casa, né? Como se fosse nossa moradia”. (Entrevistada N°5)

Em relação aos motivos que levaram as interlocutoras a trabalharem em feira livre, tem-se que a Entrevistada N°2 iniciou o trabalho com o esposo; a Entrevistada N°3 relatou que começou a frequentar a feira por influência da mãe e já aos dez anos realizava suas primeiras vendas; já a entrevistada n° 4 verbalizou que a feira proporcionou condições para que a declarante administrasse seu próprio tempo.

A respeito da possibilidade de a retornar a um trabalho formal, a interlocutora N°4 disse: “Não de jeito nenhum, Deus me livre de ser governada por alguém!”. Em relação às outras duas entrevistadas, percebem-se três fatores já citados anteriormente: a influência de um familiar, a possibilidade de organização do próprio tempo e de administração de seu próprio negócio, conforme mostram as falas a seguir:

“Na época foi uma escolha mesmo, porque se eu passasse trinta dias numa empresa, todo dia eu tinha que ir, aqui não, eu só venho quatro domingos. Pra mim foi bem melhor. é tanto que estou até hoje.” (Entrevistada N°1)

“Incentivo do meu esposo, porque ele já trabalhava no ramo”. (Entrevistada N°5)

Sobre a assertiva *se você conhecesse alguém que estivesse pensando em se inserir neste ramo de atividade, o que diria a esta pessoa?* Obteve-se como respostas, das cinco entrevistadas, o apoio e o incentivo. As interlocutoras pontuaram as dificuldades de ser feirante, desde a logística da montagem das barracas até a própria estrutura do espaço, mas, em suma, apresentaram perspectivas positivas como uma “oportunidade”, como dito pela Entrevistada N°3 e pelas seguintes entrevistadas,

“Eu digo se a pessoa tiver vontade, é bom tentar, porque em um dia não dá, mas no outro dá.” (Entrevistada N°1)

“Diria que seria uma boa experiência.” (Entrevistada N°3)

“Deixasse de trabalhar porque tenho um neto que ele trabalhava na Riachuelo ganhando R\$ 32,00 reais por dia, onde nós, no nosso trabalho ganhamos bem. Eu tirei ele do trabalho dele para trabalhar comigo. Dou conselho para trabalhar sim.” (Entrevistada N°4)

Outro ponto bastante considerável se refere ao fato das cinco interlocutoras indicarem como oportunidades de melhorias: a falta de segurança, a falta de banheiro e a possibilidade de retornarem ao antigo espaço de localização da feira, conforme citado anteriormente e que não retornariam para o mercado formal, exceto a Entrevistada N°3, que já se encontra inserida nesse setor.

Quando as Entrevistadas de N° 2 e de N°3 foram questionadas sobre o que havia de melhor na feira, as respostas foram: a possibilidade de interação com o público e as novas experiências. Para a Entrevistada N° 4, a feira representa tudo para ela; para a Entrevistada N°5 representa as amizades, os clientes e as

variedades. A Entrevistada N°1 respondeu à pergunta fazendo referência à antiga localização da feira:

“O público, a interação, aí tem os meus amigos de lá, os vizinhos aí, a maioria aqui a gente já se conhece de lá.” (Entrevista N°1)

Diante dessas falas, visualiza-se que a feira cumpre um papel importante não apenas na contribuição da renda, como também na formação de espaços que privilegiam as relações sociais.

Corroborando com essa afirmação, percebeu-se na pesquisa de Sato (2007), sobre uma feira livre da cidade São Paulo, a presença de três questões comuns que também foram identificadas nesta pesquisa: a feira como local de comércio, de trabalho e de sociabilidade.

Destaca-se, novamente, a discussão sobre a importância da liberdade de agir conforme suas necessidades; pode-se citar sobre a flexibilidade de horários e sobre a escolha do produto a ser comercializado. Segundo Sen (1999, p.33), “Ter mais liberdade melhora o potencial das pessoas para cuidar de si mesmas e para influenciar o mundo, questões centrais para o processo de desenvolvimento.”

Assim, é importante pontuar a necessidade de os agentes sociais possuírem a liberdade para atingir seus objetivos e ambições, mas também a importância de o Estado proporcionar as mínimas condições adequadas para a execução de atividades como as feiras. Isso poderia ocorrer, por exemplo, através de garantia da segurança pública, de limpeza pública, de participação dos agentes sociais em relação às decisões tomadas relativas ao espaço da feira, de assessoria quanto à dinâmica do comércio (receitas e despesas) e à proteção social em caso de acidentes de trabalho (possibilidade de contribuição individual junto à Previdência Social), entre outras questões.

Dessa forma, e considerando a defesa de Sen (1999), é necessário garantir também o conhecimento para que os agentes sociais possam fazer escolhas conscientes no exercício de suas liberdades.

#### **4.2.4 A feira livre no contexto da pandemia e os impactos na vida das feirantes**

A pandemia da COVID-19 trouxe a necessidade de ações inéditas serem tomadas com o objetivo de frear seu avanço. Uma dessas medidas foi o fechamento do comércio e das feiras livres para as aglomerações serem evitadas. Mesmo após sua reabertura, medidas de segurança tiveram que ser mantidas, como o uso de máscaras e o distanciamento social.

Questionou-se às feirantes como foi esse período para elas. A Entrevistada N°2 relatou que ficou em casa e que conseguiu garantir a satisfação de suas necessidades porque a mesma recebe uma pensão. Já a Entrevistada N° 1 viu uma oportunidade de utilizar novos meios de vendas como a venda online, sobre isso ela afirmou:

“Gostei muito... eu digo assim para minha filha se fechar eu estou achando bom, que a gente corre risco, porque a gente sabe que está aumentando os casos. E é muito melhor lá pra mim, online mesmo.”  
(Entrevistada N°1)

A Entrevistada N°1 também afirmou que recebeu o benefício do auxílio emergencial do Governo Federal.<sup>5</sup> Já a Entrevistada N°3 continuou com seu trabalho formal através do *homeoffice*. Ela relatou que o prefeito de Fortaleza lançou o benefício de ajuda financeira no valor de R\$ 300 reais para quem era cadastrado como feirante, no entanto, sua mãe, que é cadastrada, não foi contemplada. Já a Entrevistada N°4 relatou:

“Passei três meses em casa vendendo minha mercadoria em casa. Pessoal já tem costume de saber que trabalha na feira.” (Entrevistada N°4)

Em relação à Entrevistada N°5, a pandemia propiciou que fosse tomada uma grande decisão: a declarante desistiu de seguir no ramo da feira para se dedicar ao seu próprio negócio montado em sua residência, com novos produtos e com os que também eram comercializados na feira.

De acordo com os relatos, a pandemia trouxe grandes implicações para a vida das interlocutoras, pois exigiu a formulação de novas estratégias de venda, como a utilização das redes sociais. No caso da Entrevistada N°5, o contexto da

---

<sup>5</sup> O Auxílio Emergencial foi um benefício concedido pelo Governo Federal (Lei nº 13.979 de 6 de fevereiro de 2020) para o enfrentamento da crise da saúde pública decorrente da Covid-19.

pandemia proporcionou que a entrevistada decidisse seguir seu empreendimento em novo espaço e não mais na feira.

A presente pesquisa demonstrou que trabalhar na feira possui vantagens, mas também desafios. Uma das fragilizações existentes nas feiras são os acidentes de trabalho que podem ocorrer (trabalham com peso, com organização) e a instabilidade quanto à renda mensal, pois os trabalhadores não sabem se vão conseguir suprir suas necessidades econômicas, ainda mais num período de muitas incertezas, como esse da pandemia.

Antes da pandemia, as agentes sociais entrevistadas tiveram que se adequar à nova localização da feira livre, o que, em si, já apresenta um grande desafio, uma vez que isso envolve a manutenção ou não dos antigos clientes. Essa situação se agravou diante do novo cenário imposto pela pandemia.

Este trabalho contribuiu para compreender o fenômeno da feira como um espaço que proporciona acesso ao trabalho, à geração de renda e à sociabilidade, apesar de seus limites e desafios (como as questões previdenciárias, que nem todos agentes sociais têm essa cobertura, já que não é obrigatório o pagamento da Previdência Social – INSS –, e tão necessário aos feirantes, já que os mesmos trabalham com peso e organização de barracas).

Conforme a fala das entrevistadas, a feira também oferece aos feirantes a liberdade de organizar seu próprio tempo e de administrar seu próprio negócio. Assim, as transações comerciais que acontecem na feira e no seu entorno permitem que seus agentes acessem outros serviços para satisfazer outras necessidades.

De acordo com Sen (1999), o desenvolvimento também está ligado às liberdades substantivas e à qualidade de vida das pessoas. Assim, pode-se considerar que a Feira da Parangaba exerce um papel importante no desenvolvimento socioeconômico da cidade de Fortaleza.

## 5. METODOLOGIA

Esta seção irá apresentar e exemplificar os procedimentos adotados na metodologia desta pesquisa a fim de analisar as indagações acerca da análise nas Feiras Livres: Uma análise socioeconômica da Feira da Parangaba em Fortaleza, Ce.

A pesquisa teve como objetivo descrever as características de determinada população, de uma comercialização em determinado espaço urbano, logo foi do ponto de vista dos procedimentos técnicos a Pesquisa Participante.

Fals Borda (1983, p. 43 *apud* HAGUETTE, 2010, p. 142) se refere à pesquisa participante como:

[...] uma pesquisa da ação voltada para as necessidades básicas do indivíduo (Huynh, 1970) que responde especialmente às necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios – as classes mais carentes nas estruturas contemporâneas- levando em conta suas aspirações e potencialidade de conhecer e agir. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo a partir das bases e uma relativa independência do exterior.

Fez-se necessário o uso do conhecimento empírico e da pesquisa de campo na Feira da Parangaba. Ressalta-se que uma parte da pesquisa de campo aconteceu no período antes da pandemia da COVID-19 e foi possível observar as características e a infraestrutura do espaço da comercialização, como funcionam a montagem e a desmontagem das barracas e a organização da feira. As entrevistas foram realizadas no período da pandemia, com o devido uso de Equipamentos de Proteção Individual e orientações de distanciamento social orientados pelo Ministério da Saúde, para garantir a segurança dos entrevistados e da pesquisadora.

Diante do atual contexto da pandemia e das orientações do Ministério da Saúde quanto ao isolamento social, decidiu-se por realizar o estudo de caso de cinco agentes sociais que atuam de formas diversificadas na feira e cujo trabalho foi observado pela presente pesquisadora na época que a mesma atuava como feirante.

Chizzotti (1998, p. 42) defende que o estudo de caso “*é considerado também como um marco de referência de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação e tanto retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade de aspectos globais, presentes em uma dada situação.*”

Empregou-se o método dialético, que segundo Michel (2000), é considerado por definição, a arte da discussão; é um método de perguntas e respostas; de argumentação, contra-argumentação, discussão, levantamento de contradições. Os diálogos permitirão tomar conhecimento da satisfação ou a insatisfação dos agentes sociais que trabalham no espaço. Serão utilizadas fontes primárias e secundárias; primárias porque as informações são buscadas diretamente com os entrevistados e secundárias fazendo uso das informações pesquisadas através da Internet. Uma pesquisa de natureza qualitativa (entrevista com alguns agentes sociais), permitindo através de suas informações dá confiabilidade ao trabalho que está sendo desenvolvido.

Os dados também foram colhidos através das observações e das entrevistas. Foram coletadas informações e visualizações para que seja analisados e compreendidos alguns aspectos sociais e econômicos da feira.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa possibilitou analisar a relevância da Feira da Parangaba para o desenvolvimento socioeconômico da cidade de Fortaleza. Com esta pesquisa observou-se que a economia urbana, no caso deste estudo, das feiras, possui importância na vida da população excluída do circuito produtivo.

Para que a pesquisa fosse realizada, optou-se pela escolha de cinco feirantes que atuam de forma diversificada na citada feira, pois a forma que cada uma está organizada não é homogênea. Há feirantes que são donas da própria barraca, outras alugam de terceiros. Algumas fabricam suas próprias peças e outras trabalham com revenda.

A Feira da Parangaba, hoje, encontra-se em outra localização, o que já traz em si um dado relevante, uma vez que, historicamente, a feira esteve localizada próximo ao terminal da Lagoa, área de grande circulação de pessoas. Neste novo local, de acordo com SER IV, foram cadastrados um total de 1.582 (mil quinhentos e oitenta e dois) feirantes, o que representa um número bastante expressivo. Sobre sua organização, a feira está dividida nos seguintes segmentos: confecção, variedades, hortaliças/laticínios/açougue, alimentação, animais e acessórios PET, diversos e ambulantes.

Para uma melhor análise dos dados, buscou-se trazer a discussão da Teoria de Santos (1979) a respeito da existência de dois subsistemas na organização da economia urbana: o circuito superior ou “moderno” e o circuito inferior ou “marginal”.

O circuito superior possui organização burocrática, uso intensivo de capital e tecnologia de ponta e é constituído, por exemplo, pelas indústrias de exportação e bancos. Já o circuito inferior possui as seguintes características: organização não estruturada, tecnologia inferior, trabalhadores geralmente com baixo nível de instrução e comércio em pequena escala.

Como o circuito inferior tem como característica importante a satisfação das necessidades imediatas das camadas menos privilegiadas, as feiras livres se enquadrariam nesse setor.

Neste mercado informal, as feiras livres permitem aos feirantes a possibilidade de organização do próprio tempo e a escolha do produto a ser comercializado (colocando produtos diferenciados de acordo com eventos e datas comemorativas), utilizando fabricação própria e demandando de fornecedores.

Ao traçar o perfil socioeconômico das feirantes, identificou-se que os agentes sociais com maior nível de instrução têm maior clareza em relação ao conhecimento de receitas, despesas e empreendedorismo. Pode-se analisar que as necessidades básicas desses feirantes, tais como acesso à alimentação, à moradia, ao lazer e ao vestuário, são atendidas, conforme as declarações delas. Todas possuem casa própria.

Sobre a participação nas feiras, vale ressaltar os seguintes pontos: a influência familiar de outros parentes já participarem desse tipo de mercado e o fato de a atividade ser um espaço de trocas e de experiências, o que favorece as relações sociais.

Ainda sobre a perspectiva das depoentes sobre a feira livre, verificou-se que a feira é vista como uma “oportunidade”, mesmo diante das dificuldades inerentes aos processos de trabalho, como a própria organização das barracas.

Em relação às outras dificuldades apresentadas, foram pontuadas, ainda, a sensação de insegurança, a falta de um banheiro acessível e apropriado e o descontentamento com a mudança do local da feira. Sendo que este último pode ter contribuído para a diminuição das vendas.

Esta pesquisa compreende que a feira apresenta pontos positivos, como o acesso ao trabalho, à geração de renda e à sociabilidade, mas também possui desafios, como o acesso à Proteção Social, no caso da Previdência Social (INSS) necessária diante das fragilizações do trabalho. Também há a instabilidade quanto à renda, pois ela pode variar de mês a mês devido às eventualidades, como o caso da pandemia neste momento. Essas incertezas prejudicam as entrevistadas em relação ao desejo de cumprir com os compromissos financeiros firmados.

Assim, percebe-se que a feira possui valor social e econômico para seus agentes. Ou seja, a atuação das feirantes vai além da necessidade de satisfação de

suas necessidades através da geração de renda, compreende também a necessidade da formação de vínculos com outros seres sociais.

Salienta-se que apesar de o universo pesquisado ser pequeno em relação à quantidade de pessoas inscritas na Feira da Parangaba, esta pesquisa possibilitou compreender um pouco sobre a dinâmica dessa feira e a importância dela para as cinco feirantes entrevistadas. Assim, espera-se que o presente trabalho possa contribuir para futuras pesquisas que envolvam estudos acerca das feiras, com um maior aprofundamento sobre as feiras livres da cidade de Fortaleza, de forma a trazer visibilidade para esses agentes sociais.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.982, de 2 de abril de 2020. Altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, para dispor sobre parâmetros adicionais de caracterização da situação de vulnerabilidade social para fins de elegibilidade ao benefício de prestação continuada (BPC). **Diário Oficial da União**: seção 1 - Extra, Brasília, DF, p. 1, 2 abr. 2020.

CARNEIRO, C. F. M. **O comportamento do mercado de trabalho na região metropolitana de Fortaleza no cenário do subdesenvolvimento brasileiro** - de 2009 a 2012. 2013. 80 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) - Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

CMF. Câmara Municipal de Fortaleza. **Nova divisão territorial de Fortaleza**. Disponível em: <https://www.cmfor.ce.gov.br/2019/12/16/proposta-de-nova-divisao-territorial-de-fortaleza-tramita-na-cmfor/>. Acesso em: 3 fev. 2021.

COSTA, L. C. A.; MELLO, L. I. A. **História do Brasil**. 11. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

HUNT, E.K.; LAUTZENHEISER, M. **História do Pensamento Econômico: uma perspectiva crítica**. 3. ed. Rio de Janeiro, 2013.

MENEZES, V. P. L. **As feiras livres em Fortaleza: retrato da polissemia urbana**. 2005. 130 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências e Tecnologias, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

MICHEL, M. M. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

PASSOS, C. R. M.; NOGAMI, O. **Princípios de Economia**. 5. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

PMF. Prefeitura Municipal de Fortaleza. **Fortaleza em bairros: Dados Gerais Parangaba.** Disponível em: <https://mapas.fortaleza.ce.gov.br/fortaleza-em-bairros/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. **Secretária Regional IV (Ser IV).** Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/institucional/a-secretaria-318>. Acesso em: 17 jun. 2020.

PESSOA, B. A. S. **A função administrativa do organizar:** um estudo na organização da polícia militar do estado do Ceará. 2019. Monografia (Curso de Administração) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

SANTOS, J. C. S. **Feiraslivres:** suas origens e relações de consumo.

**Brasil Escola.** Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/administracao/feiras-livres-suas-origens-relacoes-consumo.htm>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SANTOS, M. **O espaço dividido:** os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. Rio de Janeiro: Edusp, 2004.

SATO, L. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicol. Soc.** Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 95-102, 2007.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Schwarcz Ltda, 1999.

SMITH, A. **A riqueza das nações:** investigação sobre sua natureza e suas causas. Vol. I. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SOUZA, N. J. **Desenvolvimento Econômico.** 6. ed. São Paulo: Atlas.2012.

ROCHA, S. **Pobreza no Brasil:** afinal, de que se trata?. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VASCONCELOS, M. A. S.; GARCIA, M. E. **Economia.** Edição Especial. São Paulo: Saraiva, 2009.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - INSTRUMENTAL DA ENTREVISTA

#### DADOS GERAIS DA ENTREVISTA Nº 1

Data da entrevista:

Entrevistada:

Cargo/Função:

#### PERFIL DO (A) ENTREVISTADO (A)

1) Idade do entrevistado:

- Inferior a 20 anos       De 21 a 40 anos       De 41 a 60 anos  
 Maior que 60 anos

2) Sexo:

- Masculino       Feminino

3) Escolaridade:

- Analfabeto       Ens. Fundamental Incompleto  
 Ens. Fundamental Completo       Ens. Médio Incompleto  
 Ens. Médio Completo       Ens. Superior Completo

4) Local onde mora:

5) Possui casa própria?

- Sim       Não

6) Quantas pessoas moram com você? (incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos)?

7) Estado civil:

- Solteiro(a)     casado(a)     separada

Se companheiro (a) trabalha na feira:

Sim       Não

8) Renda Familiar:

até meio salário       mais de meio até um salário  
 de 1 a 5 salários       acima de 5 salários

9) Fonte de Renda da Família:

Comércio/feira       Indústria       Bolsa Família       Pensão  
 assalariado       Outras fontes de renda. Quais?

Qual delas é a principal?

10) Há quanto tempo trabalha na feira?

Menos de 1 ano       Entre 1 e 3 anos       Entre 3 e 10 anos  
 Entre 10 e 15 anos       Mais de 15 anos

11) Possui banca própria?

12) Produto comercializado:

13) Os produtos são os mesmo desde o início de sua atividade?

14) Produz o que vende?

15) A renda obtida na feira permite atender suas necessidades básicas?

Alimentação       Vestuário       Moradia  
 Lazer

16) Você está satisfeito trabalhando na feira?

Sim       Não

Se não, justifique:

17) Onde e como é feito o cadastro dos feirantes?

18) Para se cadastrar participam de alguma reunião:

Sim       Não

19) Existe alguma taxa a ser paga ao se cadastrar? Valor mensal?

Sim       Não      R\$ \_\_\_\_\_

20) Qual o motivo que o levou a trabalhar em féria livre?

21) Se tivesse oportunidade hoje de trabalhar no mercado formal iria:

( ) Sim ( ) Não

Justifique:

22) Como você define a feira livre?

23) O que há de melhor na feira livre?

24) O que poderia ser melhorado na feira?

25) Houve alguma mudança na estrutura e no funcionamento da feira? Se sim, qual?

26) Existe segurança pública ou privada durante a realização da feira?

27) Como é feita a limpeza, durante a realização das feiras ou após término da mesma?

28) Quem é o responsável pela limpeza da feira?

29) Na sua opinião o que falta para melhorar seu ambiente de trabalho.

30) Se você conhecesse alguém que estivesse pensando em se inserir neste ramo de atividade, o que diria à esta pessoa?

31) Considerações sobre a pandemia da COVID-19 para sua atividade comercial:

## APÊNDICE B - FOTOS DA FEIRA DAPARANGABA



Fonte: acervo da autora.





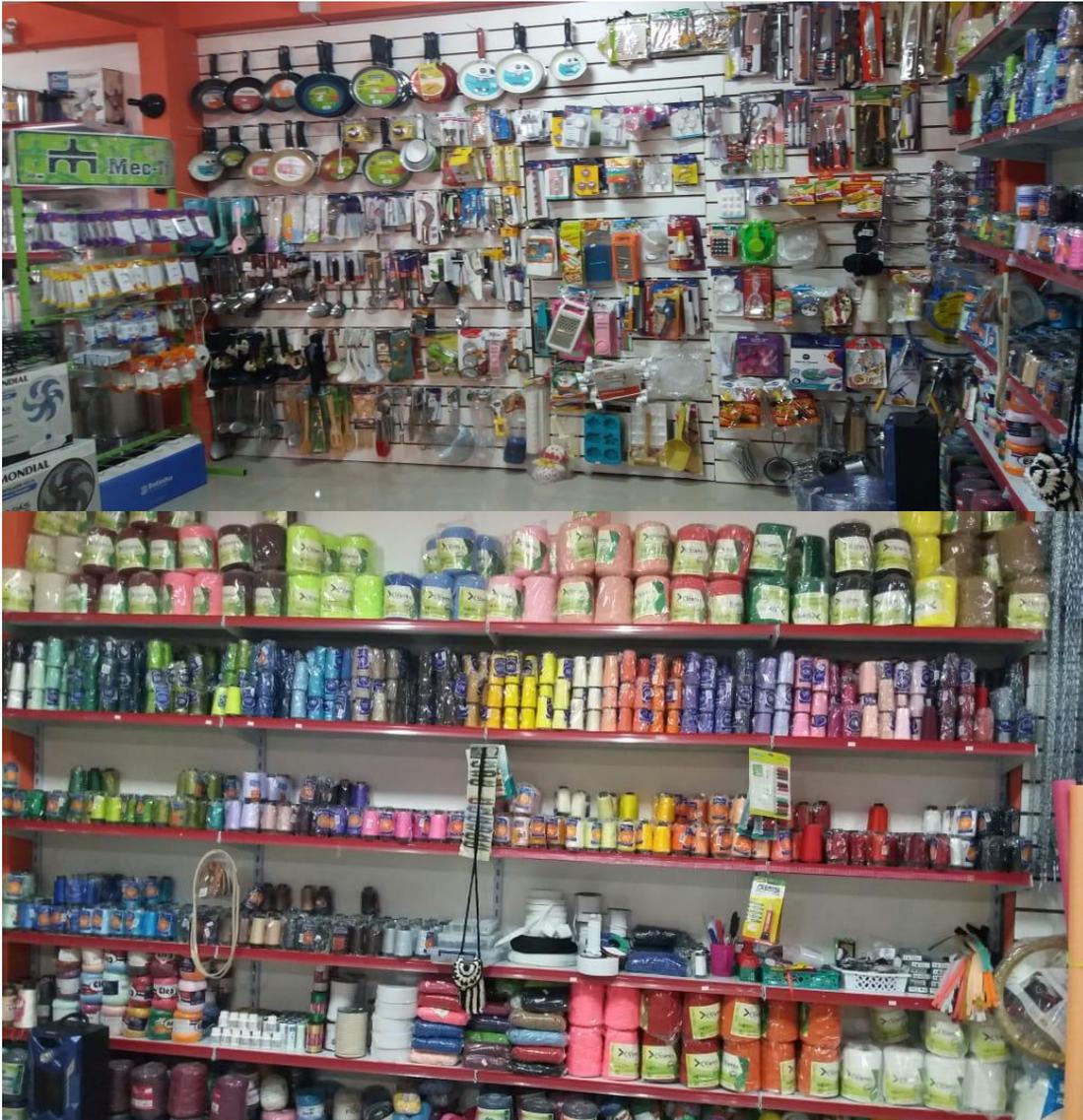
Fonte: acervo da autora.







Fonte: acervo da autora.



Fonte: acervo da autora.